

The Handmaid's Tale: A Representação Da Mulher Na Série E A Proximidade Com A Realidade Brasileira¹

Yasmine FEITAL²

Yasmin WINTER³

Fanny SOUZA⁴

Felipe Viero KOLINSKI MACHADO⁵

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

Resumo

Uma distopia de intensa repressão às mulheres. Um país onde elas são julgadas e, mesmo com avanços, ainda sofrem todos os dias com a misoginia do patriarcado. Foi pensando na possível relação entre Gilead, a república retratada na série *The Handmaid's Tale* (HULU, 2016) e as políticas de proteção à mulher que não são efetivas no Brasil, que foi proposto avaliar essa proximidade. Para isso, foram selecionados assuntos pontuais do programa, livros, artigos e reportagens e depoimentos publicados no país entre 2012 e 2017. Com as relações propostas e trabalhadas, foi possível perceber que existe grande familiaridade entre as políticas da distopia e do Brasil atualmente.

Palavras-chave: Repressão; seriado; representação da mulher; estado patriarcal, gênero.

1. Introdução

Nem toda série precisa nos proporcionar uma sensação agradável de contentamento. *The Handmaid's Tale* (HULU, 2016) vem provar isso ao retratar um ambiente distópico em que toda a comunidade é extremamente machista, desvalorizando a mulher em muitas questões sociais. Na série, mulheres não têm voz, possuem donos e têm a maternidade imposta.

Em cada episódio, o seriado deixa o espectador perplexo e traz cada um à reflexão a respeito da realidade vivida atualmente no Brasil. Enquanto muitas lutam por direitos, espaço e valorização, a não efetividade das leis e o retrocesso político de apoio às mulheres só aumenta. Vários problemas da série reafirmam essa proposição. Dentre esses, alguns pontos são constantemente apresentados e podem ser problematizados de forma a se relacionar com falhas no sistema político e econômico brasileiro atual.

¹Trabalho apresentado na IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Graduanda do Curso de Jornalismo do ICESA – UFOP, e-mail: yas.gbf@gmail.com.

³ Graduanda do Curso de Jornalismo do ICESA – UFOP, e-mail: yasminlwinter@gmail.com.

⁴ Graduanda do Curso de Jornalismo do ICESA – UFOP, e-mail: fannyelen92@gmail.com.

⁵Orientador do trabalho. Pós-doutorando (PDJ/CNPq: 150038/2018-6) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG, professor substituto do curso de jornalismo da UFOP, doutor e mestre em Ciências da Comunicação pela UNISINOS e jornalista pela UFSM. E-mail: felipeviero@gmail.com.

O presente trabalho foi desenvolvido a partir das reflexões suscitadas pelas disciplinas do curso de jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, Mídia e Cidadania no Brasil e Gênero e Jornalismo que foram cursadas no segundo semestre letivo de 2017. O objetivo central do artigo é analisar e comparar, através de descrições detalhadas das cenas de alguns episódios, a proximidade da representação da mulher retratada na série com o cotidiano brasileiro e, em alguns casos, mundial.

Serão apresentados e estudados estereótipos culturalmente estabelecidos e políticas não efetivas de proteção à mulher, baseando-se principalmente nos problemas centrais presentes na nova sociedade que a série apresenta: o papel social da mulher e sua não-participação política na comunidade, a fertilidade e seu “dever” como reprodutora e a violência a que ela está a todo momento exposta.

1.1. Inspirações Teóricas e Bases Conceituais

Segundo Maria de Lourdes Manzini-Covre (1996), a discussão sobre cidadania passou a ser mais contemplada no mundo contemporâneo e pode aparecer em diferentes esferas, relacionado ao poder político, produção intelectual ou meios de comunicação, por exemplo. Partindo desse pressuposto, partilhamos da concepção da autora sobre o tema que diz que “a categoria cidadania depende da ação dos sujeitos e dos grupos básicos em conflito” (MANZINI-COVRE, 1996, p. 70). Escreve, ainda, afirmando que para se exercer uma cidadania é preciso que haja uma revolução interna, que existe quando se consegue buscar dentro de si a sensação de poder e assim, pode melhor lutar e exigir seus direitos.

Para a análise das cenas e embasamento das analogias, junto ao conceito acima apresentado, foram utilizados livros, bases conceituais, reportagens, dados, tabelas, depoimentos, registros, entre outros subsídios teóricos para fundamentar a discussão e comprovar a proposição. Foram utilizados, principalmente: Pierre Bourdieu (2002), Judith Butler (1998) e Monique Wittig (1992). Os principais pontos abordados são a violência, de diversos tipos, contra a mulher, a culpabilidade feminina e julgamento acerca da fertilidade e a posição feminina perante a sociedade. Utilizando essas discussões centrais, será possível apresentar e comparar a realidade de *The Handmaid's Tale* com pontos críticos perceptíveis atualmente no Brasil.

A violência, tanto física, quanto sexual e psicológica, acontece diariamente dentro das casas, entre casais e membros da família. Tal realidade pode ser vista na série, na medida em que as mulheres férteis são propriedade do estado e sofrem vários tipos de violência

diariamente, principalmente sexual. Outro ponto latente na nova sociedade que foi criada em *The Handmaid's Tale* é a fertilidade. É importante ressaltar que a infertilidade sempre está relacionada à mulher, a tornando culpada por uma sociedade sem herdeiros. É possível perceber uma cultura onde a mulher é culpada e julgada por não poder ou querer ter filhos. Os homens, em contrapartida, nem são objetos dessa discussão.

A questão da mulher sem direitos e com um papel social extremamente objetificado também têm lugar na série. Submissas aos maridos e/ou ao estado, elas não têm acesso a nenhum tipo de produto cultural, já que não podem assistir à televisão, nem ler livros, revistas etc. Além disso, não podem falar em público, precisam andar sempre de cabeças baixas e vestidas de maneiras pré-estabelecidas. Infelizmente, as roupas que as mulheres utilizam são, frequentemente, pontos centrais em muitas discussões ainda atualmente em nosso país. Trabalharemos aqui tais relações, de forma a problematizar o que é, ou não, aceito e tratado como natural.

2. Gilead: Um futuro Distópico

Escrito em 1985, *The Handmaid's Tale* (*O Conto da Aia*, em português) é um romance distópico que, assim como a própria palavra (distopia) elucida, retrata a opressão social exercida e monitorada por um estado totalitário, e, no caso deste livro, também patriarcal e teocrático. Redigido por Margaret Atwood - escritora canadense -, o conto foi traduzido para mais de trinta idiomas, e está, hoje, em posições de destaque nas listas dos mais vendidos em diversos países.

O conto virou ópera (escrita por Poul Ruders, estreou em 2000 na Dinamarca) e filme (“A Decadência de uma Espécie”, em português, lançado em 1990). Também foi adaptado para uma série que possui o nome original: *The Handmaid's Tale*, criada por Bruce Miller e produzida no final do ano de 2016 pelo serviço americano de *streaming* Hulu. É veiculada no Brasil através do canal fechado Paramount. O objeto publicitado é vencedor de prêmios como “Programa do Ano” e “Melhor Série Dramática de 2017” e “Globo de Ouro 2018”. Até a elaboração deste artigo, a série possuía apenas 1 temporada de 10 episódios e uma segunda confirmada, com data prevista para abril de 2018.

O futuro distópico inventado por Atwood - e também retratado na série - se passa nos EUA, quando um golpe de estado é coagido por uma facção cristã com o intuito de restaurar a paz. O grupo transforma o país na “República de Gilead” estabelecendo, assim, uma ditadura teocrática fundamentalista e patriarcal que rouba das minorias, mas principalmente

das mulheres, todos os seus direitos: de fala, leitura, trabalho, acesso à academia, liberdade de expressão etc.

A sociedade é regida pelas leis do Antigo Testamento, e o que centraliza todos os pontos abordados na série é a questão da fertilidade. A poluição ambiental e os métodos contraceptivos são considerados os principais motivos para o aumento da taxa de infertilidade das mulheres (que, aliás, são os únicos seres humanos - se é que são tratadas como tal - que podem ser consideradas inférteis). Sendo assim, existe uma relação entre este cenário e uma passagem bíblica que é estritamente imposta e obrigatoriamente respeitada.

Na Bíblia, encontramos passagens que retratam a importância, considerada inigualável, de se ter um filho. Sendo assim, a série retrata tal fato da seguinte forma: existem aquelas mulheres que são férteis, as chamadas Aias (Elisabeth Moss, como Offred/June), e as inférteis, que são Esposas (Yvonne Strzechowski, como Serena Joy). Outros personagens da série são as Marthas, também inférteis, que fazem o serviço doméstico, as Tias, que cumprem o papel de educar e vigiar as Aias, e os Comandantes, que são funcionários de alto cargo na República de Gilead. As Aias são consideradas objetos de reprodução, e servem como uma ponte sexual entre a Esposa e seu marido, o Comandante (Joseph Fiennes, como o comandante Fred). Tais acontecimentos são chamados de “cerimônia” e acontecem mensalmente, até que as Aias engravidem, tenham a criança e sejam transferidas para outra casa para o mesmo fim.

Este, como dito, é o ponto central de toda a série. É a partir dele que várias outras formas de violência e repressão são problematizadas. As Aias, por exemplo, têm suas conversas e comportamentos monitorados, e caso haja uma diretriz desrespeitada, elas são punidas de forma física e verbal. Além disso, a homossexualidade é tratada como uma forma de traição de gênero, e por isso é rejeitada de forma cruel.

Outro exemplo, que trataremos detalhadamente, é a questão do “destino biológico”. Em *The Handmaid's Tale* a mensagem veiculada é a de que todas as mulheres nasceram para cumprir com o que a elas é estabelecido e esperado: ter filhos. Todos estes temas podem ser associados à atual conjuntura brasileira, seja através de dados econômicos, políticas de retrocesso ou ações sociais.

Em comentário para o *The New York Times* em 2017⁶, Margareth Atwood, criadora do livro que deu origem à série diz que tudo que está na obra já ocorreu alguma vez na história, seja em um estado totalitário, regime militar ou ordem religiosa. Nenhum dispositivo

⁶ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/06/1893807-margaret-atwood-comenda-bases-reais-do-livro-e-serie-o-conto-da-aia.shtml>

imaginário, nenhuma lei imaginária, nenhuma atrocidade imaginária. Na introdução da nova edição (2017), a autora escreve que “dizem que Deus está nos detalhes. O diabo também está”.

3. Mulher e Dominação Masculina

No presente trabalho, nos propomos analisar a série *The Handmaid's Tale* (HULU, 2016) sob uma perspectiva política e feminista de direitos, vozes e papéis sociais das mulheres. Ao se trabalhar então essa questão, seria necessário caracterizar, inicialmente, o que é uma mulher. Para Butler (1998), não existe um conjunto de normas para discriminações dessa possível categoria. A filósofa diz que:

A única resposta a essa questão é uma contra-questão: quem estabeleceria essas normas e que contestações elas produziriam? Estabelecer um fundamento normativo para resolver a questão do que deveria ser propriamente incluído na descrição de mulheres seria somente e sempre produzir um novo lugar de disputa política. (BUTLER, 1998, P.25)

O conceito binário de gênero foi elaborado em um momento específico da história das teorias sociais sobre a chamada diferença sexual. O que foi inovador na época, hoje está sendo desconstruído e reconstruído por estudiosos da área. Gayle Rubin *apud* PISCITELLI (2001) define o sistema sexo/gênero como o conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nas quais estas necessidades sociais transformadas são satisfeitas. Ela caracteriza diferenças da seguinte forma:

Homens e mulheres são, é claro, diferentes. Mas nem tão diferentes como o dia e a noite [...]. De fato, desde o ponto de vista da natureza, homens e mulheres estão mais próximos entre si do que com qualquer outra coisa [...]. A idéia de que homens e mulheres diferem mais entre si do que em relação a qualquer outra coisa deve vir de algum outro lugar que não [seja] a natureza (RUBIN *apud* PISCITELLI, 2001, p.9)

Adriana Piscitelli (2001) pensa diferentes colocações de mulher, trazidas pelas ondas do feminismo. Uma possível definição, que se encontra mais diretamente relacionada com a série trabalhada, diz respeito à mulher como uma categoria que inclui traços biológicos e também aspectos socialmente construídos.

Quando se pensa na categoria de mulher e a percebe em *The Handmaid's Tale*, é impossível não pensar no machismo e no patriarcado enraizados em cada esfera social. Mas não é possível se pensar em dominação isoladamente. O conceito contemporâneo de machismo, abordado por Pierre Bourdieu (1998) como Dominação Masculina, não pode ser

visto separadamente de um contexto social e histórico. É possível perceber que esse poder imposto é extremamente complexo, produzido socialmente e por uma violência simbólica já intrínseca ao nível da linguagem e do pensamento, além da questão econômica, também a se pensar. Assim, Bourdieu (1998) fala sobre a dominação, dizendo que uma relação desigual de poder também demonstra uma aceitação por parte dos grupos dominados. Essa, pode não ser necessariamente consciente e deliberada, mas “principalmente de submissão pré-reflexiva”. E ainda complementa:

Sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas [...]. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação. (BOURDIEU, 1998, p.7)

Também segundo Bourdieu (1998), a dominação masculina impõe pressões aos próprios dominantes, porém de formas diferentes, tendo em vista que, de alguma maneira, os homens sempre podem se beneficiar com isto, “por serem, como diz Marx, ‘dominados por sua dominação’”.

Por todo esse contexto, a subordinação da mulher está presente de forma generalizada. Mesmo sendo pensada em função do tempo histórico, a dominação masculina sobre as mulheres é pensada como universal, pois acontece em todos os lugares físicos e temporais conhecidos. Monique Wittig (1980) diz que tudo reflete essa subordinação:

As imagens pornográficas, os filmes, as fotos de revistas, os pôsteres publicitários que vemos nas paredes das cidades, constituem um discurso e esse discurso cobre o nosso mundo com os seus signos, tem um significado: as mulheres são dominadas. (WITTIG, 1980, p.3)

Adriana Piscitelli (2001, p.2) questiona “se a subordinação da mulher não é justa, nem natural, como se chegou a ela e como se atém?”. Bourdieu (1998) escreve o que pode ser lido como resposta a essa pergunta e coloca as relações de produção do capitalismo como base para as relações de dominação patriarcais:

O princípio da inferioridade e da exclusão da mulher, que o sistema mítico-ritual ratifica e amplia, a ponto de fazer dele o princípio de divisão de todo o universo, não é mais que a dissimetria fundamental, a do sujeito e do objeto, do agente e do instrumento, instaurada entre o homem e a mulher no terreno das trocas simbólicas, das relações de produção e reprodução do capital simbólico. (BOURDIEU, 1998, p.27)

4. O Estupro como Privilégio

A política da violência opera e regula o que é ou não um efeito da mesma. Então, como escreveu Butler (1998, p.26), “já há, portanto, nessa exclusão, uma violência em ação, uma demarcação prévia do que será ou não qualificado como “estupro”, ou “violência do governo”.

Tendo em vista que o estupro é ato sexual, não necessariamente com penetração, sem consentimento da vítima, é possível perceber esse crime cotidianamente na série. Como as mulheres casadas são inférteis, as aias (propriedades do estado e objetos de procriação temporária de uma família) precisam participar de uma cerimônia uma vez ao mês: um estupro.

Baseados em uma passagem bíblica, o governo exige que em seu período fértil, as aias tenham relações sexuais com o comandante da casa onde moram, deitadas entre as pernas de sua esposa, que assistem a tudo. Através disso, elas gerarão filhos que serão do casal. A sociedade misógina de Gilead traz essa situação como um privilégio para as aias, que são férteis e estão ajudando a humanidade a continuar.



A assustadora ideia de que as mulheres têm que se sentir privilegiadas pelo estupro ocorrido na cerimônia ou por serem vítimas de uma chamada “virilidade masculina” realmente existe. No dia 26 de setembro de 2017, um homem foi preso em flagrante após ejacular em uma mulher dentro de um ônibus. O assunto teve diferentes repercussões. Nas redes sociais, foram encontrados textos e tweets dizendo que a mulher deveria se sentir honrada, ao passo que foi objeto de desejo desse homem.

Além disso, uma reportagem da revista Carta Capital⁸ afirma que o juiz José Eugênio do Amaral Souza Neto falou com convicção que o homem, ao ejacular na passageira, não foi violento nem ameaçou a vítima. “O crime de estupro tem como núcleo típico constranger

⁷ Figura 1: Temporada 01, Episódio 02.

⁸ Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ejaculacao-em-onibus-nao-configura-estupro-afirma-juiz>

alguém mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”, diz a decisão do juiz, citando o que diz o artigo 213 do Código Penal.

Para completar, o juiz falou que na espécie, entendia que não houve o constrangimento, tampouco violência ou grave ameaça, pois a vítima estava sentada em um banco do ônibus quando foi surpreendida pela ejaculação do indiciado. Natural? “A primeira cláusula [da sentença] sugere que ela “pertence” ao lar, ao seu homem, que o lar é o lugar no qual ela é a propriedade doméstica daquele homem, e as “ruas” a estabelecem como aberta à caça.” (BUTLER, 1998, p.27)

Sobre os atos de violência experienciados pelas mulheres de *The Handmaid's Tale*, faz-se também no Brasil um acontecimento bizarro, mas habitual. Relatado em uma reportagem do jornal El País, o caso de Valentina Shulz que tinha 12 anos quando participou de uma edição para crianças do *reality show* MasterChef também causou burburinho. Loira dos cabelos lisos e olhos claros, ela foi alvo de comentários vergonhosos e depreciativos na internet realizados por pedófilos que não hesitaram em ser transparentes quanto aos seus desejos sexuais. A perplexidade foi tanta, que, posteriormente, algumas mulheres (e homens, em minoria) utilizaram uma hashtag na rede social *Twitter* para relatar a primeira vez em que sofreram assédio sexual: #PrimeiroAssédio.

Quando se trata de crime de estupro e assédio, perguntas como: “Se você está vivendo com um homem, o que está fazendo correndo pelas ruas sendo estuprada?” ou “O que estava vestindo?” e “O que estava fazendo na rua essa hora?” estão constantemente presentes nas redes sociais e rodas de conversa sobre assunto.

5. O Destino Biológico das Mulheres

The Handmaid's Tale apresenta mulheres (as chamadas Aias) como escravas sexuais responsáveis pela reprodução e continuidade da força de trabalho. Na série, as mulheres que são férteis precisam cumprir com seu “destino biológico”: a maternidade. Isso porque o futuro distópico que se passa na série é também regido pela religião cristã. Sendo assim, as aias são forçadas a engravidar, de maneira a seguirem o que é considerado, de certa forma, normal e obrigatório no antigo testamento.

Ainda sobre o destino biológico, pode-se afirmar que em toda a vida as mulheres foram reduzidas ao uso do seu corpo, mais especificamente, ao útero. Sendo assim, toda sua racionalidade e autonomia foram - e são - negadas, de modo a estigmatizá-las como donas de

casa, mães, dependentes financeiramente dos maridos, etc. Ainda se ouve, por exemplo, que é “da natureza da mulher se tornar mãe”,

Butler afirma que as mulheres, na medida em que são mães, constroem os interesses esperados pelo estado e sociedade. E que a maternidade, na qual a define como uma “relação social”, “(...) é uma situação específica das mulheres, comum em todas as culturas.” (BUTLER, 1998). A escritora Clarice Lispector também fala sobre isso em um texto que escreveu e foi publicado na revista *Época* em 1941:

Claramente, o “destino biológico” configura-se como um destino imutável para homens e mulheres, estabelecendo a velha assimetria nas relações de gênero, onde o homem é o chefe da família, assume o controle da política, trabalha, enquanto a mulher fica responsável pelos serviços domésticos, por cuidar dos filhos e do marido e mantém-se como símbolo da procriação. (LISPECTOR, 1941).

Um outro ponto que afirma tal futuro distópico e teocrático apresentado na série se dá nas falas das aias ao se cumprimentarem, que utilizam frases do tipo: “bendito seja o fruto; que o senhor possa abrir; que Deus faça de mim verdadeiramente útil”. Ou seja, ser “verdadeiramente útil” se resume à reprodução sexual. As aias, apesar de não serem as únicas que sofrem diversos tipos de repressão (as esposas dos comandantes também são oprimidas verbalmente, fisicamente e psicologicamente), são as mais martirizadas diante da sociedade em que vivem.

Uma das cenas que mais hostiliza as aias são as chamadas “cerimônias” (que ocorrem uma vez ao mês). Antes da mesma se iniciar, o comandante e sua esposa, aia e martha se encontram a fim de representarem uma passagem bíblica (Gênesis 30: 1; 3-4), na qual uma mulher infértil suplica filhos ao marido de forma com que o mesmo os tenham com uma serva que, posteriormente, conceberá a criança “juntamente” à esposa (como se esta também estivesse grávida). Da mesma forma apresentada na passagem, o marido se faz através do comandante, a mulher como sua esposa e a serva sexual como a aia.

A questão da fertilidade, inclusive, também tem extrema importância na série, uma vez que somente as mulheres poderiam carregar tal disfunção. O fato do estado ser totalitário, baseado em crenças cristãs e também patriarcal explica perfeitamente isso. Os homens não poderiam ser, vivendo em uma sociedade como esta, ínferos às mulheres. Shulamith Firestone, autora de textos feministas da segunda onda do movimento, diz no livro “A dialética do Sexo” (1976) que os papéis reprodutores atribuídos aos homens e mulheres são elementos que afirmam e “tornam possível” que exista tal dominação. Sendo assim, como um

ser viril se sujeitaria à perda de sua masculinidade, uma das coisas que mais lhe torna notório frente a pessoas do sexo oposto?

6. Os Retrocessos dos Direitos Sexuais - e do Corpo - da Mulher Brasileira

Mas quais serão as realidades brasileiras que nós mulheres, além de conhecermos, experienciamos? Muito do que se vê na série também se vê por aqui, no país tropical que, na verdade, não é bonito pela natureza de suas culturas de discriminação e opressão para com as mulheres.

Assim como em *The Handmaid's Tale* existe um “destino biológico”, ou seja, as mulheres são destinadas a engravidarem (e serem extremamente gratas e felizes com isso), aqui no Brasil não somente mulheres como também crianças devem seguir aquilo que é aceito e encorajado pela sociedade. O site Think Olga publicou uma reportagem⁹ dizendo que em março de 2017, uma criança não foi autorizada a abortar um bebê porque o tempo gestacional para que o fizesse excedia o que é estabelecido pela lei. Além disso, os médicos induziram a família de tal modo que a mesma julgou ser extremamente perigoso que a menina abortasse. Essa criança tinha 11 anos, e era abusada sexualmente pelo padrasto desde os 8. No Brasil, o aborto ainda é tema tabu. Tanto é, que 13% das brasileiras que participaram da Pesquisa Nacional do Aborto¹⁰, de 2016, já abortaram pelo menos uma vez.

Outra realidade brasileira que retrocede os direitos das mulheres no país se fez presente quando o poder Legislativo modificou, em Dezembro de 2017, um texto presente na PEC 181 (que diz respeito à ampliação da licença-maternidade para as mães de filhos prematuros). Tal modificação colocou em pauta a discussão sobre o aborto no Brasil, de forma a restringir ainda mais o acesso das mulheres a ele (e, conseqüentemente, a liberdade das mesmas na maneira de como usar seus próprios corpos). Tamanha seria a involução que o aborto não poderia ser realizado em nenhuma das condições já aceitas legalmente (em casos de estupro, anencefalia e risco de vida para a gestante).

Estes são alguns - dos muitos - acontecimentos que rodeiam e intimidam os direitos das mulheres no Brasil. Além de leis que insistem em definir o modo com o qual as mesmas devem utilizar seu próprio corpo, são sujeitas a ouvir palavras que estigmatizam seu lugar e papel no mundo, além de sofrer certos tipos de violência por pessoas próximas.

7. Política do Patriarcado

⁹ Disponível em: <http://thinkolga.com/2017/09/25/descriminalizacao-do-aborto-e-para-o-bem-de-todas-nos/>

¹⁰ Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n2/1413-8123-csc-22-02-0653.pdf>

O machismo violenta e intimida. Exerce o poder das formas mais agressivas e se fundamenta em estereótipos que diminuem a mulher, supostamente para o seu próprio bem, e que a levam a acreditar que aceitá-lo é uma mais-valia na sua vida. Na realidade, essa forma de pensar e oprimir não passa de mais uma forma de discriminação e de acentuação da desigualdade.

Os homens continuam a dominar o espaço público e a área de poder [...], ao passo que as mulheres ficam destinadas, predominantemente, ao espaço privado [...] em que se perpetua a lógica da economia de bens simbólicos, ou a essas espécies de extensões deste espaço, que são os serviços sociais (sobretudo hospitalares) e educativos, ou ainda aos universos da produção simbólica (áreas literária e artística, jornalismo etc). (BOURDIEU, 1998, p.112)

Situações e falas machistas são cotidianamente praticadas, oprimindo gratuitamente e deveriam ser erradicadas. Algumas mais comuns são: a fala “isso até soa machista, *mas*”, culpabilizar mulheres como vítimas por conta de suas roupas ou companhias, atacar feministas, tê-las somente em cargos políticos baixos, sub representação em diversas esferas, dominação pública do corpo de mulheres grávidas e a sexualização em qualquer tempo ou ambiente.

Georges Duby (2001) disserta sobre como o histórico de religião tem seu papel na opressão e violência feminina: Ele diz que o mito de Eva contribuiu para a associação das mulheres ao pecado e à impureza. Então, ela está associada à compulsão: sua má conduta justificaria tanto o sofrimento físico quanto o fato de ser governada pelos homens.

Na série, além das aias serem propriedade de um governo de homens e servirem às famílias dos comandantes, elas recebem duros castigos pelas chamadas tias, que são responsáveis pela disciplina e por encaminhá-las em sua nova realidade. E justificam, mais uma vez, pedindo para que frases bíblicas sejam lembradas: “Bem aventurados os humildes e os que choram.”¹¹

O resultado da violência constante e dos constrangimentos diários é justamente o fato de as mulheres não conseguirem ocupar espaços de poder na política, nem se eleger. Apenas em uma tarde assistindo à transmissão televisiva das sessões do Congresso Nacional, é possível confirmar essas percepções.

Segundo uma reportagem¹² da Carta Capital, a dominação da política brasileira por homens é altíssima. A média de ocupação feminina dos cargos eletivos no Brasil é hoje de

¹¹ Temporada 01, Episódio 3

¹² Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ainda-precisamos-falar-sobre-as-mulheres-na-politica>

14%, uma das mais baixas taxas do planeta. A reportagem também aponta que esse não é um problema exclusivamente brasileiro, pois em escala global as mulheres estão sub-representadas na política, tanto como eleitoras, quanto nos cargos eletivos em todos os níveis. Exemplo disso é que a marcha do dia 8 de março de 2017 contou com a unidade de mulheres de diversos países.

Na série estudada, Serena Joy, a esposa do comandante principal, arquitetou o golpe junto a ele devido a suas paixões e inteligências parecidas. Ela era ativista cristã e tinha um livro publicado: *O Lugar da Mulher*, que continha a seguinte frase: “Não confunda a mansidão de uma mulher com fraqueza”. Curiosamente, a escritora decidiu abrir mão dessas conquistas para se filiar ao novo propósito de governo. A partir de então, ela foi completamente excluída da política, assim como todas as outras mulheres do país. Bourdieu (1998) explicaria isso fundamentando que as funções que convêm às mulheres se situam no prolongamento das funções domésticas: ensino, cuidados, serviço. Ou seja, mulheres não podem ter autoridade sobre homens e então, condiz a eles o monopólio da fala e do pensamento.

A reportagem publicada na Carta Capital também aponta que a baixa proporção de mulheres nas esferas de poder e em cargos eletivos está presente em todos os estados do Brasil, em grau muito semelhante, e em todos os níveis de poder político, das Câmaras de Vereadores ao Senado. As mulheres não têm tido voz na política! Na velocidade em que a política para mulheres caminha, elas só alcançariam, possivelmente, a igualdade na ocupação de vagas no Senado Federal em 2096 e na Câmara Federal no ano 2160. A escritora Laura Bates escreve em seu blog que “a pouca visibilidade das mulheres nos andares mais baixos do poder político é usada muitas vezes como uma camada de verniz em questões de igualdade”.

8. A Consequência do Golpe

A série foi lançada nos EUA pelo serviço de *streaming* Hulu, na época em que o presidente Donald Trump - e suas posições conservadoras em relação às mulheres - chegou ao poder, levando muitos a interpretar a obra como uma previsão sobre o futuro dos EUA. Já no Brasil, a semelhança pode ser percebida ao passo que o governo atual, sob a presidência de Michel Temer, é formado por uma elite branca, extremamente conservadora e uma bancada evangélica que ataca e desvaloriza minorias - entre essas, mulheres - e seus direitos.

Um golpe, algo totalmente ilegítimo, foi esquematizado nos EUA, que se transformou na república de Gilead. Segundo o próprio comandante “Primeiro a Casa Branca, depois o congresso, depois o tribunal.”¹³ Fácil lembrar da destituição do cargo sofrido pela ex-presidenta Dilma Rousseff, articulado principalmente por seu vice e atual presidente do Brasil, Michel Temer. Pedro Paulo Zahlute Bastos publicou, em 2017, o artigo *Ascensão e crise do governo Dilma Rousseff: Poder estrutural, contradição e ideologia*¹⁴ discutindo o tema. Um governo ilegítimo que tomou a cabeça de parte da população aos poucos. A jornalista Ana Rüsche escreveu, para a ed. 77 do Diário Oficial de Pernambuco, que não é de se admirar que no Brasil *O conto da Aia* ressoe agora como talvez nunca antes. Em Brasília, a tomada veio a galope: uma vez afastada a presidenta eleita Dilma Rousseff, instaura-se uma salada corrupto-conservadora que faria até a política do Brasil Império corar.

Logo após o golpe no Brasil, circulou um vídeo nas redes sociais ironizando o mesmo. O gif trazia as seguintes mensagens: “Primeiro a gente tira a Dilma; depois encerra as investigações; muda a lei do impeachment; nomeia corruptos para os ministérios; dá o pré-sal para os gringos; acaba com os programas sociais; acaba com os direitos dos trabalhadores e dos aposentados; terceiriza o serviço público; privatiza o ensino superior e pós graduação e criminaliza os movimentos sociais”. Esse trecho mostra claramente como a população, principalmente de classe média e baixa, que apoiou o golpe, não tinha noção da gravidade das consequências. Na série, o golpe é encabeçado por um casal. Curiosamente, uma mulher propõe a “fertilidade como recurso do estado e reprodução como imperativo moral”¹⁵, sem pensar em como ela também seria atingida e sofreria por essa proposta.

A misoginia, colocar a mulher em um papel de subjugada e cabeças abaixadas para o patriarcado, só deixará de ser assim quando as pessoas entenderem essa posição de igualdade entre os gêneros. É preciso mostrar que a mulher tem, sim, liberdade para escolher o que quer.

9. Considerações Finais

A brutalidade de tudo o que é retratado nesta adaptação do livro é aterrorizante para qualquer um, mas principalmente para mulheres. É interessante pensar o porquê de uma distopia chocar tanto. Talvez por ter muito em comum com a realidade e saber que armas de repressão, físicas ou não, estão tomando forma neste momento.

¹³ Temporada 01, Episódio 06

¹⁴ Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rec/v21n2/1415-9848-rec-21-02-e172129.pdf>

¹⁵ Temporada 01, Episódio 06

Ao observar a série *The Handmaid's Tale* e problematizar seus instrumentos de opressão, patriarcado, machismo e submissão, foi possível perceber que o governo tem uma participação muito efetiva nesses mecanismos. Ao apurar mais a fundo cada ponto, conclui-se que sinais parecidos são perceptíveis na realidade brasileira, ao passo que além do pensamento cultural e social de herança histórica, a opressão também é espelho das políticas governamentais vigentes.

A situação atual das mulheres é algo que não nos pode deixar indiferentes. Offred, seu nome verdadeiro June, falou, utilizando a própria Bíblia como referência: “Bem Aventurados os que sofrem por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus”¹⁶. Em sua matéria para o *The New York Times* sobre o direito das mulheres, a jornalista Vanessa Bárbara afirma: “No entanto, eu não tenho que ir longe para provar que temos boas razões para gritar!”

10. Referências

Avanços e retrocessos nos Direitos Reprodutivos das Mulheres. 2017. Disponível em <<http://thinkolga.com/2017/09/23/avancos-e-retrocessos-nos-direitos-reprodutivos-das-mulheres/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2018.

BARBARA, Vanessa, **Temos que aprender a gritar.** 2017. Disponível em <<https://www.nytimes.com/es/2017/11/13/aprender-a-gritar-mujeres-denuncias-vanessa-barbara/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2018

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina** - 11^o ed. - Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012. 160p.

BUTLER, Judith. **Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo.** *Cadernos Pagu* (11), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 1998, pp.11-42.

DUBY, Georges. **Idade média, idade dos homens : do amor e outros ensaios.** Tradução Jônatas Batista Neto. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011

FIRESTONE, Shulamith: **A dialética do sexo.** Labor, Rio de Janeiro, 1976

FRANCO, Marcella, **"Não quero ter filhos, e daí?": Mulheres falam da cobrança que sofrem por que não querem engravidar.** Disponível em: <<https://meuestilo.r7.com/nao-querer-ter-filhos-e-dai-mulheres-falam-da-cobranca-que-sofrem-por-que-nao-querem-engravidar-10072017>>. Acesso em 20 de janeiro de 2018

¹⁶ Temporada 01, Episódio 03

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. **O que é cidadania?**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1996.

PASSOS, Lucas, A **“condição feminina” como inferior: uma análise em Clarice Lispector**. 2012. Disponível em <<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/tag/destino-biologico/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2018

PEREIRA, Claudia, **Elas decidiram não ter filhos e se consideram mulheres por inteiro**. 2016. Disponível em <<http://emails.estadao.com.br/blogs/familia-plural/elas-decidiram-nao-ter-filhos-e-se-consideram-mulheres-por-inteiro/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2018

PINTO, Paula Cosme, **The Handmaid’s Tale está assim tão longe da realidade?**. Disponível em <http://expresso.sapo.pt/blogues/bloguet_lifestyle/Avidadesaltosaltos/2017-12-21-The-Handmaids-Tale-esta-assim-tao-longe-da-realidade->. Acesso em 20 de janeiro de 2018

PISCITELLI, Adriana. **Recriando a (categoria) mulher?** In: ALGRANTI, L. (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero. Textos Didáticos*, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002, p. 7-42.

ROSSI, Marina. **O dia em que relatos do primeiro assedio tomara conta do twitter**. 2015. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/22/politica/1445529917_555272.html>. Acesso em 20 de janeiro de 2018

RUSCHE, Ana, Margaret Atwood: de quanto o real supera a ficção. 2017. Ed. 77. Disponível em <<http://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/77-capa/2002-margaret-atwood-de-quanto-o-real-supera-a-fic%C3%A7%C3%A3o.html>> Acesso em 20 de janeiro de 2018

TEIXEIRA, Paulo. **Primeiro a gente tira a Dilma**. 2018. Disponível em <<https://www.facebook.com/DeputadoPauloTeixeira/videos/1798866553490725>>. Acesso em 20 de janeiro de 2018

URZAIZ, Begoña Gómez. **Nove exemplos de machismo cotidiano que deveriam ser erradicados**. 2017. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/30/estilo/1514655163_405027.html>. Acesso em 20 de janeiro de 2018

WITTIG, Monique, **The Straight Mind and other Essays**. Boston: Beacon, 1992. Disponível em: <<http://mulheresrebeldes.blogspot.com.br/2010/07/sempr-viva-wittig.html>>. Acesso em 20 de janeiro de 2018